

# Juro e dólar mudam, com déficit zero

96 JUL 2005

**JOSÉ ROBERTO NASSAR**  
SÃO PAULO

O economista Geraldo Gardenali, professor da FGV/SP, puxa e engrossa o coro dos advogados do déficit nominal zero — tal como seu colega e amigo (de décadas) Yoshiaki Nakano, diretor da Escola de Economia da Fundação. Presidente da Nossa Caixa por oito anos (nos governos de Mário Covas e no primeiro mandato de Geraldo Alckmin), assessor especial da Fazenda na época do ministro Luiz Carlos Bresser Pereira (nos anos 1980), secretário de Fazenda do próprio Ministério no começo dos anos 90, Gardenali acompanha de perto os vaivéns da macroeconomia e diz: “Está na hora de mudar a política econômica”.

Em que direção? Em linha com o que vem costurando o deputado Delfim Netto (PP-SP), organizador do jantar realizado ontem em Brasília com políticos, empresários e banqueiros. Com o apoio oficioso do presidente Lula e do ministro Antonio Palocci e de vários setores do empresariado, Delfim pretende planejar um ataque ao déficit fiscal e tirar, assim, da política monetária o pesado fardo de enfrentar sozinha a inflação — com o que até o Banco Central parece concordar. Se isso acontecer, “o juro cai, o dó-

lar sobe, o crescimento volta”.

Apesar das dificuldades para implementá-lo, esse novo caminho vai acabar se impondo inexoravelmente, na opinião de Gardenali. Até agora, os sinais estão misturados. “Há crédito farto lá fora, os credores parecem tranqüilos e a ação de Palocci segura Lula, apesar de toda a conturbação política”, diz. Mas, se continuar esse quadro, “em algum momento os gatilhos serão detonados e quem ainda compra títulos longos do Tesouro vai começar a encurtá-los, tal como aconteceu no fim do governo FHC”. Em outras palavras: “A ficha vai cair, porque esse governo é datado”.

Um ajuste fiscal mais sério, que corte gastos correntes, mergulhe nos meandros da administração, desvincule receitas — “proposta responsável e conservadora” — exige um poder que este governo não tem mais, na opinião de Gardenali. “Só um novo governo terá capital político para isso”, diz.

Muita gente acha que as atribuições políticas estão apressando o fim deste governo, embora o presidente Lula esteja preservado. Crítico, Gardenali, que já não acredita na reeleição, prefere jogar para a frente: “O próximo governo já tem agenda — perseguir o déficit zero”.